

OS PÓRTICOS DE IGREJAS MEDIEVAIS PORTUGUESAS COMO MEIOS COMUNICACIONAIS

Data de Submissão: 19/02/2025

Data de aceite: 05/03/2025

Walace Rodrigues

Universidade Federal do Norte do
Tocantins - UFNT - LIACOM/ESCS/IPL

RESUMO: Este trabalho nasce de nossas pesquisas de pós-doutoramento no Instituto Politécnico de Lisboa (IPL) e objetiva analisar os pórticos medievais portugueses como meios comunicacionais, tendo em vista uma perspectiva comunicacional, artística e cultural. Mobilizamos, sob uma perspectiva interdisciplinar, estudos de autores da área da Comunicação, das Artes, da Religião, da História, entre outras. A metodologia utilizada foi uma análise a partir da bibliografia pesquisada e de visitas aos sítios onde os pórticos medievais (com especial interesse no estilo manuelino) estão presentes. Focamos, neste escrito, no Portal Sul do Convento de Cristo, em Tomar, como exemplo privilegiado de pórtico como meio comunicacional. Os resultados deste trabalho revelam que os pórticos medievais manuelinos (esculpido em pedra) são, efetivamente, meios comunicacionais que lidam diretamente com o viés temporal (Innis, 2011) e revelam características culturais próprias do Portugal medieval, quando os sentidos e símbolos eram

fortemente empregados pela Igreja Católica e pela Monarquia para oferecer mensagens de fé e patrióticas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Estilo Manuelino; Idade Média; Portugal.

THE PORTALS OF PORTUGUESE MEDIEVAL CHURCHES AS MEANS OF COMMUNICATION

ABSTRACT: This work arises from our post-doctoral research at the Polytechnic Institute of Lisbon (IPL) and aims to analyze Portuguese medieval portals as communication means, taking into account a communication, artistic and cultural perspective. We mobilize, from an interdisciplinary perspective, studies by authors in the areas of Communication, Arts, Religion, History, among others. The methodology used was an analysis based on the researched bibliography and visits to sites where medieval portals (with a focus on the Manueline style) are present. We focus, in this writing, on the South Portal of the Convento de Cristo, in Tomar, as a privileged example of a portal as a means of communication. The results of this work show that medieval Manueline portals (carved in stone) are, effectively,

communicational means that deal directly with temporal bias (Innis, 2011) and reveal cultural characteristics specific to medieval Portugal, when symbols and meanings were strongly used by the Catholic Church and the Monarchy to offer faith and patriotic messages.

KEYWORDS: Communication; Manueline style; Middle Ages; Portugal.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um produto de nosso estágio de pós-doutoramento junto ao Laboratório de Investigação Aplicada em Comunicação e Média (LIACOM), da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), do Instituto Politécnico de Lisboa (IPL), sob a supervisão da professora Filipa Subtil.

Nossa pesquisa para o estágio de pós-doutoramento teve uma perspectiva transdisciplinar entre diferentes áreas (comunicação, artes visuais, religião, educação, entre outras), buscando um diálogo entre tais áreas para criar sentidos sobre os pórticos medievais, suas composições e usos comunicacionais. Nesse sentido, este trabalho mostra um pouco de nossa pesquisa sobre os pórticos de igrejas medievais portuguesas como meios de comunicação (mídia) privilegiados da época de suas construções.

Acreditamos que os pórticos medievais em pedra e suas composições imagéticas representem muito mais do que simples descrições visuais de objetos de cultura material e catequética da Idade Média, mas colocam-se como um meio de comunicação das sociedades que fabricaram e utilizaram tais imagens e estruturas arquitetônicas em pedra. Nosso foco neste trabalho recai sobre o fim da Idade Média em Portugal, principalmente durante o reinado de D. Manuel I (1469-1521) e de seu apoio a um novo estilo artístico, decorativo e arquitetônico que desse conta, simbolicamente, das conquistas além-mar de Portugal: o manuelino.

Nessa perspectiva, este trabalho trata, principalmente, da área de comunicação (com foco em Harold Innis e James Carey e trabalhos dos estudiosos destes autores), da Idade Média, da cultura material medieval em Portugal e dos pórticos das igrejas manuelinas em Portugal. Por fim, daremos uma análise do Portal Sul (1515, imagens 1 e 2) do Convento de Cristo (em Tomar, Portugal) como um exemplo de nossa hipótese sobre a riqueza dos sistemas comunicacionais nos pórticos medievais portugueses em pedra, principalmente nos manuelinos.

Sobre Harold Innis, James Carey e outros estudiosos da Comunicação

Começamos esta parte do texto deixando claro o que Harold Innis (1894-1952), um precursor dos estudos sobre mídias comunicacionais na América do Norte, faz sobre o viés (*bias*) de significação da comunicação em relação ao tempo e ao espaço, discutindo:

[...] a possível significação da comunicação para o progresso e o declínio das características culturais. Um meio de comunicação tem uma importante influência na disseminação do conhecimento através do espaço e do tempo e se torna necessário estudar suas características a fim de avaliar sua influência sobre o quadro cultural. De acordo com suas características, **um meio pode ser mais apropriado para a disseminação do conhecimento através do tempo em determinado espaço, particularmente se o meio for pesado, durável e não apropriado para o transporte ou, ao inverso,** pode ser mais apropriado para a disseminação do conhecimento através do espaço em determinado tempo, se o meio for leve e facilmente transportável. A relativa ênfase no tempo ou no espaço irá implicar um viés [*bias*] de significação para a cultura na qual está inserido. (Innis, 2011, p. 103, grifo nosso)

Nesta perspectiva, esclarecemos que consideramos aqui os pórticos medievais como meios comunicacionais que disseminam conhecimento através do tempo, pois são esculpidos em rocha, duráveis, não são facilmente transportáveis e detêm uma influência no quadro cultural de determinada sociedade, principalmente e mais fortemente durante a época em que foram construídos (na Idade Média). No caso deste trabalho, focamos nos pórticos medievais portugueses em estilo manuelino, ou seja, aqueles executados durante o reinado de D. Manuel I e alicerçados em uma forte simbologia eclesiástica e ligada aos começos das grandes navegações portuguesas.

Lembramos que Innis (2011) explorou o papel da mídia comunicacional na formação das culturas e no desenvolvimento das civilizações. Ele tratou sobre as formas de comunicação oral e escrita e suas relações para o florescimento das civilizações. Para ele, a mídia impressa, como jornais, era “tendenciosa” em relação ao controle do espaço e do poder secular, enquanto a mídia gravada, como tábuas de pedra ou argila, era “tendenciosa” em favor da continuidade no tempo e do conhecimento metafísico ou religioso. Neste sentido, os pórticos medievais executados em pedra labutavam em favor de um *bias* temporal, dando ênfase à religião católica e a seus dogmas inscritos nas rochas.

Innis nos esclareceu sobre a relevância e a função dos meios de comunicação na relação tempo-espaço para os arranjos culturais. Pela via do pensamento inniano, podemos perceber que no “plano material mais básico (suporte ou ‘meio de comunicação’) até o plano simbólico mais amplo (cultura)” (Martino, 2011, p. 13), a comunicação se coloca como um fator importante na vida humana, pois “os meios de comunicação não parecem como forças soltas e incontroláveis, mas aspectos trans-históricos ou incontornáveis da realidade humana que devem ser entendidos e colocados a serviço da cultura” (Martino, 2011, p. 17).



Imagem 1 – Portal Sul do Convento de Cristo, em Tomar, Portugal.

Fonte: Wallace Rodrigues, 2025.

Em relação às contribuições innianas no campo da comunicação, James William Carey (1934-2006), estudioso da comunicação nos EUA e um dos maiores comentadores da obra de Innis, compreenderá como a comunicação influencia na cultura dos povos. Filipa Subtil (2014, p. 33), pensando a partir das contribuições de Carey, informa que:

[...] a Comunicação é o processo através do qual se constroem, apreendem e utilizam formas simbólicas que trazem a realidade à existência humana. A Comunicação humana é a actividade que constrói uma nova dimensão da realidade, o mundo codificado e pleno de significado que constitui a realidade simbólica em que vivem os indivíduos. Esta nova dimensão da **realidade é construída através da agência que se designa por Comunicação.** (grifo nosso)

Como Subtil, pensamos comunicação a partir das formas simbólicas (neste trabalho, por meio da intrincada construção artística nos pórticos medievais) e acreditamos que a composição dos pórticos manuelinos não era somente era fruto de uma apurada sensibilidade medieval católica, mas a revelação de sistemas de informações sobre uma forte ideologia catequética e cultural dominada pelos preceitos da Igreja Católica e da Monarquia da época.

Vale informar que a comunicação se coloca neste trabalho como um rico campo que promove, junto a outros campos do saber (aqui as artes, a educação, a história, a religião, entre outros), debates que atravessam várias áreas do conhecimento científico, social, religioso, cultural etc, ajudando a ofertar uma infinidade de abordagens, as mais plurais e multidisciplinares possíveis, à questão pesquisada. Neste caminho, Filipa Subtil (2017, s.p) diz-nos que:

Tanto quanto a comunicação está incorporada num quadro social e é chamada a participar na dinâmica social, as ciências da comunicação, embora sendo uma área disciplinar identificável e dotada de autonomia relativa, integram uma linhagem comum do conhecimento – as ciências sociais. Todos os fenómenos comunicacionais têm uma faceta antropológica, sociológica, cultural, política, económica, psicológica, semiótica, tecnológica, teológica, etc.

James Carey, em relação à comunicação como um ritual de partilhamento de informação, diz que há uma:

[...] antiga identidade e as raízes partilhadas dos termos “comum”, “comunhão”, “comunidade” e “comunicação”. Uma visão ritual da comunicação se refere não à extensão de mensagens no espaço, mas à manutenção da sociedade no tempo, não ao ato de transmitir informações, mas à representação de crenças compartilhadas. (Carey, 2022, p. 21)

Tal visão ritual da comunicação acaba por unir as pessoas em comunidade, reforçando laços e reafirmando traços culturais, como modos e costumes de executar determinadas tarefas da vida religiosa, diária, política etc.

Subtil (2014, p. 22), sobre os trabalhos James W. Carey, que foi fortemente influenciado pelos Estudos Culturais e pelos trabalhos de Harold Innis, informa-nos que: “Carey sugeriu uma perspectiva da Comunicação que não a concebesse apenas como um fenómeno ligado à representação e sim como uma forma de interação e troca de significados produzidos colectivamente através da simbolização.”

Ainda sobre as contribuições de Carey para o campo da comunicação, Subtil (2014, p. 19) revela-nos que “a sua contribuição para um entendimento da Comunicação como um ritual participatório no qual e através do qual os seres humanos geram, mantêm e transformam a cultura em que vivem.”

Como bem diz Carey: “comunicação é um processo simbólico onde a realidade é produzida, mantida, reparada e transformada” (1975, *apud* Subtil, 2014, p. 31). Compreendemos, portanto, que a situação de partilha social de uma realidade compreendida e de das mensagens dos pórticos medievais estão muito próximas dos fins rituais da comunicação.

Ainda sobre a ritualidade da comunicação, Subtil diz-nos que:

A Comunicação é a base da solidariedade humana, produz os limites sociais, fictícios ou não, que ligam os homens e tornam a vida associativa provável. A sociedade é possível devido às forças de ligação que permitem a inteligibilidade de uma realidade partilhada pelos co-participantes nela. De acordo com a visão ritual, a Comunicação é um “cerimonial” participatório no qual e através do qual geramos, preservamos e transformamos a cultura. Na Comunicação ritual não se joga apenas a transmissão de informações ou mensagens, mas a co-criação e partilha de actividades culturais que definem a realidade. Vivemos em realidades largamente criadas pela Comunicação e muitas vezes negligenciamos que ela é intrinsecamente ritualística. (Subtil, 2014, p. 31-32)

Também:

A Comunicação entendida como metáfora do ritual solicita e impulsiona uma situação original de igualdade porque a co-presença e a propinquidade implicam ceder espaço para a resposta como condição da sua continuidade. A interacção presencial tende também a reforçar o reconhecimento dos outros na sua totalidade. Por exemplo, na conversação há que lidar com todo o peso das palavras, porque ela põe em jogo e em risco não só as nossas mentes mas também os nossos corpos. Falar através do processo conversacional é convidar e ao mesmo tempo pedir uma resposta, é temperar, através de expressões implícitas e explícitas de respeito, as nossas objecções e diferenças. (Subtil, 2014, p. 39)

Neste sentido, vale pensar os pórticos medievais como meios de comunicação pela via do ritual, assim como nos aponta Carey e corrobora Subtil, já que tais pórticos não somente oferecem mensagens, mas também necessitam de uma interacção, de uma fruição que seja sempre cocriação de sentidos nos vários aspectos da vida humana.

Idade Média em Portugal e a cultura medieval

Vale informar que nos países do Novo Mundo, especialmente no Brasil, não há edifícios arquitetónicos medievais, pois a ocupação do território do que é hoje o Brasil somente começou a se dar ao longo da segunda metade do século XVI, quando foram erguidas as primeiras construções arquitetonicamente planeadas por parte dos colonizadores. Dizemos isso também para justificar nosso interesse em pesquisar um elemento arquitetónico desconhecido para nós: os pórticos medievais. E como nossa tradição arquitetónica brasileira deriva de Portugal, daí nosso interesse nos pórticos manuelinos, criação autêntica da cultura portuguesa do começo do século XVI.

Para Margarida Reffóios, historiadora da medicina e da alimentação, a Idade Média foi um período de comunicação por meio do sensível, quando todos os sentidos eram utilizados para fornecer mensagens:

O saber do sabor não nasce de um século XXI comandado por mudanças e diferença, mas sim de uma Idade Média, seduzida por correspondências sensoriais. Essa *harmonia das esferas*, tão visível na feliz fusão da alma com o corpo, convoca os cinco sentidos, as sensações, as emoções dando lugar a infindáveis sinestésias (2010, p. 13, itálico da autora)

Dáí podemos compreender o abundante emprego das artes (arquitetura, escultura, pintura etc) nas construções religiosas medievais. O gótico, oferecendo uma sensação de pequenez à pessoa crente; a escultura religiosa, geralmente muito expressiva no final da Idade Média, ensinando dogmas por meio das imagens; as composições e arranjos manuelinos em pedra, informando sobre as coisas da alma e das novas terras descobertas, entre outras sensações que a pessoa deveria ter por meio das artes.

Lembremos que o fervor religioso marcou culturalmente a Idade Média na Europa, levando à compreensão de uma cultura religiosa nesta determinada época¹, pois os valores e costumes eram ditados pela Igreja Católica e suas crenças eram as que enredavam todas as áreas da vida medieval. Lembremos que era a Igreja Católica que dava legitimidade aos governos monárquicos e aos reis coroados.

Se a Idade Média (período da história europeia do século V ao XV, aproximadamente) foi uma época dominada pelo Catolicismo, sua arte acabou por trabalhar de forma ritualística, já que buscava criar elementos estéticos promotores de uma cultura católica e de um sentido de comunidade catequética cristã. No entanto, não podemos pensar que aquelas pessoas que acorriam às igrejas medievais tomassem as esculturas dos pórticos e suas mensagens de forma passiva, mas acabavam por compreendê-las a partir de suas culturas, de suas visões de mundo, de quem elas eram, do que faziam e em relação ao lugar aonde pertenciam.

Vale lembrar que, em Portugal, o estilo manuelino, muitas vezes chamado de gótico português tardio ou flamejante, começou durante o reinado de D. Manuel I (1469-1521) e “fechou” o período da Idade Média neste país com muitas e belas produções arquitetônicas e artísticas.

O estilo manuelino, a partir do empenho de D. Manuel I, um impulsionador e patrocinador das artes, marcou um estilo de criação arquitetônica e decorativa repleto de símbolos católicos e oficiais que o caracterizaram (ver imagem 3). Na arquitetura, por exemplo, as formas manuelinas apresentaram-se a partir das estruturas góticas, sem grandes modificações nas maneiras góticas de construir os prédios religiosos e oficiais. Podemos dizer que o manuelino é um gótico ricamente decorado com a simbologia ligada à colonização (formas naturais), ao poder católico (a cruz de Cristo) e ao poder monárquico (escudos de armas ou a esfera armilar).

1. Tomamos aqui a Idade Média como sendo da queda do Império Romano, em 530 d.C., até 1453, com a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos. No entanto, este período medieval variou de nação para nação e esses “marcos históricos” podem ser tomados como aqueles que instauram a Idade Média na Europa, mas não como datas fixas.

Podemos perceber que havia uma combinação de símbolos com forte apelo comunicativo nos pórticos manuelinos portugueses e que seus arranjos poderia fornecer elementos ricos em mensagens por meio de obras de arte escultórica, por exemplo. Para James Carey (2022, p. 31) “uma pessoa no comando de símbolos é capaz de produzir um número infinito de representações com base em um número finitos de elementos simbólicos.” E foi isso que aconteceu durante o manuelino, pois havia uma gama de símbolos utilizados a partir de suas variações e combinações.

Os pórticos manuelinos, por exemplo, podem apresentar-se com formas ornamentalmente variadas de arcos, sendo a Igreja de São Julião, em Setúbal, um exemplo da combinação destes arcos. O manuelino tinha o objetivo de mesclar diversos elementos arquitetônicos, com uma exuberância de formas e uma interpretação naturalista e simbólica dos temas. Vários foram os prédios e as obras executadas neste estilo ornamental. D. Manuel I desejava unificar o mundo cristão, pelo menos no que se referia ao mundo colonizado pelos portugueses.

Compreendemos que o manuelino não seria possível sem uma quantidade de artistas de qualidade ímpar para concretizá-lo. Um exemplo destes artistas foi Diogo de Boitaca, arquiteto nascido no século XV (provavelmente na França), e uma das figuras de referência do estilo manuelino. Ele recebeu de D. Manuel I o título de “Mestre das Obras do Reino”. Data de 1492 a primeira referência às suas atividades em Portugal. Boitaca foi o autor dos primeiros traços do Mosteiro dos Jerónimos e o seu principal arquiteto. Tal mosteiro teve suas obras iniciadas em 1502. Obras como a Torre de Belém, o Convento de Cristo, a igreja de São Julião (de Setúbal), entre tantas outras obras, marcaram o estilo manuelino em Portugal.

Filipa Subtil, estudando sobre a obra do canadense Harold Adams Innis, revela-nos que “as alterações nos modos e nas técnicas da comunicação dinamizam processos sociais de profundas repercussões históricas” (Subtil, 2003, p. 289). E é exatamente isto que podemos perceber nos pórticos medievais quando os tomados como meios de comunicação, pois tais elementos arquitetônicos não somente serviam para ajudar a revelar o espírito de uma época e suas ideologias, mas colaboravam com os processos sociais de então. A catequética missão dos portais medievais era, portanto, fruto de uma pensada operação arquitetônica em relação a uma estética que não somente comunicasse os ensinamentos da Igreja Católica, mas que também movesse as pessoas pelas suas mensagens edificantes, tornando-se, tais pórticos, um dos pilares da construção significativa de uma sociedade baseada nos valores medievais. Ainda sobre os conceitos de Innis, Subtil nos informa:

Innis defende duas ideias principais sobre a relação entre tecnologia e civilizações. A primeira afirma que as tecnologias, produto das civilizações, desvendam os modelos relacionais e de pensamento de um dado período e, por terem impacto na organização social, permitem fornecer a chave para compreender a evolução civilizacional. A segunda postula que as civilizações se expandem e estabelecem contactos entre si através de meios actuals e outros não produzidos pelo homem, devendo todos ser compreendidos como meios de comunicação. (SUBTIL, 2003, p. 289-290)

Neste caminho, tomando os pórticos medievais como “meios artefactuais” (meios construídos para determinados fins, produtos de trabalho engenhoso do homem medieval) próprios da tecnologia da época em que foram construídos. Podemos compreendê-los, também, como geradores de ideologias (morais, éticas, estéticas, políticas, sociais etc), impulsionadores de valores catequéticos e de mensagens específicas da Igreja Católica da época de suas construções.

Em contato com os fabulosos pórticos das igrejas medievais, o homem da época havia que transformar a contradição típica do período medieval (algumas vezes muito binária, como no caso da robustez e majestosidade das igrejas medievais em relação à pequenez e insignificância do homem, por exemplo) em nova informação, ou ainda, da relação binária entre a vida campesina dos medievos e as “orientações catequizantes” da Igreja Católica de então. Havia que se buscar uma “resolução” para se conseguir lidar de forma “estável” com as informações que eram oferecidas a este homem medieval. A balança entre as coisas da terra e dos céus havia de ser equilibrada e a Igreja Católica colocava-se como a entidade que faria este trabalho por meio dos sentidos, como bem nos disse Reffóios (2010).

Lembremos sobre a arte escultórica como uma poderosa manifestação técnica e estética que auxiliou a alterar formas de vida de civilizações inteiras. Durante o período medieval, os estilos românico e gótico forneceram as bases para as construções arquitetônicas da época. Na Idade Média, a arte escultórica continuou a ser muito importante cultural e socialmente, revelando mensagens (algumas vezes nem sempre fáceis de serem identificadas e assimiladas) e reafirmando ideologias dominantes (como a catequese religiosa da Igreja Católica e a “força” dos monarcas).

Ainda, compreendemos que os pórticos das igrejas tentavam oferecer “mensagens” evangelizantes e edificantes católicas a todos que por eles passassem. Esta parecia ser a intenção real dessas obras escultóricas tão bem executadas com tamanho esmero e com tanto valor artístico. Tais pórticos eram “meios de comunicação” medievais que auxiliavam na disseminação de determinado conhecimento. Subtil (2023, p. 291) informa-nos que:

[...] os monopólios de conhecimento expandem-se e declinam, em parte, em relação ao medium a partir do qual foram erguidos. Implicam a nossa limitação a um determinado meio tecnológico de comunicação e a certas formas de conhecimento, assim como o domínio restrito por parte de um pequeno setor.

Assim, podemos compreender os pórticos medievais como meios de comunicação que nos trazem determinados conhecimentos. No entanto, toda a simbologia catequética católica por trás das obras escultóricas requer um repertório simbólico de domínio de poucos da época em que foram erguidos.

Análise do Portal Sul (1515) do Convento de Cristo

Neste escrito buscamos valorizar as produções materiais medievais (pórticos, suas composições e sua estatuária) como médias (meios) comunicacionais que não somente tem a função de comunicar, mas também de auxiliar a integrar uma comunidade por meio de uma cultura catequética própria da época. Tomamos o Portal Sul do Convento de Cristo como obra exemplar de meio comunicacional medieval em pedra.

Sobre o Convento de Cristo, Tomar, Paulo Pereira (2009, p. 4) relata que:

O Convento de Cristo constitui um dos maiores conjuntos monumentais portugueses. Implantado no cimo do monte que domina a cidade de Tomar, nele se reúnem edificações ou vestígios que vão do período romano até ao século XVIII, traduzindo de uma forma surpreendente os diversos capítulos da história da arquitetura portuguesa.

Sobre as inúmeras obras de arte no convento e sua importância para a formação da monarquia e da Igreja Católica portuguesas, Pereira (2009, p. 4) continua:

Aos aspectos artísticos haverá que acrescentar o facto de por ali terem passado e estadeado grandes personagens, assinalando momentos únicos da história do reino, tais como o verdadeiro fundador de Tomar, o mestre provincial Templário Gualdim Pais; o infante D. Henrique, já como administrador da Ordem de Cristo, a qual em Portugal sucedeu sem convulsões à Ordem do Templo; D. Manuel, que precedeu a uma autêntica refundação da Ordem, da dinastia de Avis e do próprio Convento; D. João III, que projectou ali uma grande parte de seu gosto pela arquitectura adoptando o Convento de Cristo como o seu estaleiro preferido; e Felipe II de Espanha, que por razões certamente simbólicas ali realizou as cortes que o reconheceram como monarca português.

Não podemos nos esquecer que o referido convento tem forte ligação com a Ordem de Cavalaria de Nosso Senhor Jesus Cristo em Portugal, que foi, originalmente, uma ordem militar e religiosa criada em 1319 pela bula pontifícia *Ad ea ex quibus cultus augeatur*, do Papa João XXII. A rica história da Ordem de Cristo envolveu laços estreitos com vários reis portugueses, tendo Tomar como sítio privilegiado desta ordem.

James Carey (2022, p. 27) dirá que “a comunicação, através da linguagem e de outras formas simbólicas, abrange a ambiência da existência humana”, assim como demonstram os pórticos manuelinos portugueses, onde a pedra como suporte resistente ao tempo (Innis, 2011) comunica os símbolos e valores do catolicismo da época e a força do monarca conquistador de mares.



Imagem 2 – Detalhe da parte superior do Portal Sul.

Fonte: Wallace Rodrigues, 2025.

Percebemos que a imagem de Maria, mãe de Jesus Cristo, na Idade Média, colocasse como importante na sociedade medieval. Por meio do culto mariano, que tem início no século XI no Ocidente, surge uma imensa valorização da imagem de Maria na Idade Média, o que podemos entender como a intensificação da presença e da promoção feminina na religião católica e no mundo cultural medieval. Figuras femininas importantes de autoridade religiosa foram, por exemplo, abadesas e rainhas católicas, além de algumas santas.

Notemos que abaixo da imagem mariana do Portal Sul, há um escudo armilar (ver imagem 2), símbolo do Portugal monárquico de então, além de elementos inspirados em viagens, como formas naturalistas e “vegetalistas” em complexas e intrincadas ornamentações, exageradas e ampliadas. Tais elementos vinham inspirados do auge da expansão marítima e dos novos lugares “descobertos”. As cordas eram outro elemento compositivo da arquitetura manuelina que se relacionava diretamente às navegações.

Consideramos aqui que tomar os pórticos medievais como médias comunicacionais e de informação nasce de nosso entendimento de que a estética medieval provinha de uma busca pelo transcendente, pelas proporções, pela luz, pelas alegorias e pelos símbolos (cf. Eco, 1986). E o manuelino deixa-nos perceber exatamente estes elementos ornamentais, alegóricos e simbólicos. Estes objetos culturais de natureza artística e arquitetônica buscavam transmitir mensagens catequizantes, sobre o poder monárquico e auxiliavam na integração da sociedade de então, já que faziam parte da cultura católica da época, revelando uma mentalidade própria dos fins da Idade Média portuguesa.

A agência comunicacional dos pórticos medievais dava-se pela força da autoridade da igreja, por seu sentido ritual e por seu caráter pedagógico (catequizante por meio dos sentidos) em construções planejadamente ornamentadas. Em Portugal, o monarca D. Manuel I cooperou com esta visão catolicamente edificante, reforçando os apoios econômicos para a construção de novos edifícios religiosos (conventos, mosteiros, igrejas etc) com os claros elementos do gótico flamejante português, estilo que mais tarde ficou conhecido como manuelino.

Utilizamos, aqui, uma expressão do crítico de arte francês Pierre Restany, quando ele nos diz que “A arte é um ritual de comunicação” (*apud* Pignatari, 1997, p. 92). Partindo deste entendimento de Restany, compreendemos as possibilidades de análise dos pórticos medievais e de sua escultórica como médias comunicacionais por meio de uma busca de inserção na atmosfera cultural de suas produções, revelando mensagens e usos de tais pórticos. Não podemos nos esquecer dos muitos elementos artísticos utilizados na composição dos pórticos medievais, geralmente relevos e esculturas em pedra, e que auxiliavam nas funções de tais pórticos: educar as pessoas na fé católica, unindo-as como um grupo coeso e único em seu tempo e espaço.

Vale lembrar que as artes são uma forma de linguagem e que servem ao homem para se comunicar com o mundo que o cerca. Paulo Ghiraldelli Júnior informa-nos sobre a arte enquanto linguagem:

A obra de arte é tomada como linguagem, e isso não é em sentido metafórico. É observada e estudada a partir de categorias como *significação, referência, denotação, regras sintáticas e semânticas* etc. A arte é observada como um sistema de símbolos. Nelson Goodman a levou para o campo da “estética analítica”, e os estudos que, em geral, são feitos a respeito da linguagem no século XX, voltaram-se para a obra de arte, da música à literatura, passando por todo o campo das artes visuais. (Ghiraldelli Jr., 2010, p. 87, *itálico do autor*)

Alcídio Mafra de Souza fala-nos sobre este período medieval nas artes:

Quando o Cristianismo se afirmou, na fase final do Império Romano, **as artes passaram para a órbita da Igreja, que aos poucos expandia sua influência sobre todos os aspectos da vida: políticos, sociais, intelectuais e culturais.** Sobrevém, então, uma reformulação na maneira de o homem encarar a vida, que passa a ser mais metafísica do que física. Evidentemente, um retorno ao sobrenatural e ao invisível, com o correspondente abandono do mundo visível e natural. (Souza, 1970, p. 48, grifo nosso)

Este aspecto sobrenatural (por meio do sensorial) em relação à vida será retratado também nas igrejas medievais, modificando-se um pouco no final do período gótico. Continua Souza sobre essa mudança de lógica no período medieval:

Essa orientação metafísica não poderia, por certo, buscar seus modelos na Natureza. A observação objetiva cedeu lugar à subjetiva. A colunada exterior dos templos antes consagrados às divindades gregas e mantida pelos romanos é substituída pelas arcadas internas das basílicas, e o horizontalismo do espaço arquitetônico clássico dá vez à rotundidade e à robustez do Bizantino e do Românico e ao verticalismo do Gótico. Na pintura e na escultura, o tridimensionalismo clássico cede lugar ao ilusionismo bidimensional. Para descrever a essência das coisas intangíveis e dos espíritos cercados de mistérios, **os artistas da Idade Média recorrem a um elaborado sistema de símbolos.** E só a evolução das formas das igrejas vai caracterizar a mudança dos estilos medievais. (Souza, 1970, p. 49, grifo nosso)

Neste sentido, as igrejas pareciam ser as construções mais significantes e simbólicas do período medieval, sendo elas nosso lócus de estudo neste trabalho, principalmente seus pórticos (sua estrutura compositiva e sua estatuária), por onde passavam todos os peregrinos e visitantes subjugados a uma imensa quantidade de símbolos que deveriam compreender e do qual deveriam criar sentidos.

Alguns pórticos de igrejas medievais eram ricamente ornamentados com:

[...] elementos complexos como molduras, pedras angulares e colunas podem ser utilizados para mostrar a função que desempenham na construção. **Os portais são frequentemente decorados com cruzeiros, anjos e estátuas de santos, cenas bíblicas e motivos vegetais** que não só revelam a função da igreja, mas também dão ao visitante uma antevisão do interior da igreja. (McNamara, 2011, p. 154, tradução nossa, grifo nosso)

Sobre o Portal Sul, podemos verificar que ele é o pórtico principal da igreja do Convento de Cristo, em Tomar, Portugal, aqui nosso privilegiado objeto de pesquisa, e enquadra-se dentro do estilo manuelino. Tal portal (pórtico) data de aproximadamente 1515 e é uma obra atribuída a João de Castilho (c. 1470 - c. 1552), reconhecido arquiteto e escultor ibérico medieval. Compreendemos que tal pórtico pode fornecer muitas informações sobre os efeitos, funções e usos dos portais das igrejas medievais como meios de comunicação, revelando uma variedade de mensagens que podem ser interpretadas ainda hoje.

Paulo Pereira relata sobre o Portal Sul do Convento de Cristo:

O Portal Sul é entretanto aberto, sacrificando os botaréis da parede meridional, como se sacrificam os dois panos exteriores da antiga Charola românica e o pequeno coro henriquino, quando João de Castilho procede ao rasgamento do vão de contacto e passagem entre o oratório e a nave da igreja. O programa iconográfico do portal compreende a representação da Virgem com o Menino, logo abaixo do dossel arquitetônico. A imagem é acompanhada por outras, de menores proporções, instaladas sobre mísulas e estreitos pilaretes: no plano inferior, imediatamente acima do vão, encontramos três profetas e o que parece (ou poderá) ser a imagem de Salomão. Prevalece aqui, do ponto de vista da lógica da representação, uma nítida opção por um esquema que visa demonstrar a concordância do Novo e de Velho Testamento. (2009, p. 24)

Sobre o estilo artístico empregado na construção do Portal Sul, Pereira (2209, p. 24, *itálico do autor*) diz-nos:

[...] opera-se aqui uma mistura entre o Manuelino e o gótico influenciado já pela linguagem decorativa do renascimento, através de uma ornamentação muito em voga em Espanha, o chamado plateresco. Esta inspira-se, ainda que de forma pouco rigorosa, nas teorias de temas iconográficos em série característicos da decoração de edifícios do renascimento italiano, procurando por imitar esses mesmos temas, quase sempre de caráter “arqueológico” - “ao antigo”, quer dizer, “ao romano” ou à maneira dos “romanos” - e com grotescos (seus híbridos, mdalços, taças, chutes, cálices, “pendentes”, colares, perlados e caveiras). As ombreiras e arquivoltas possuem dois registos com decoração tipicamente “manuelina” (troncos de árvores, *putti* tocando cornetas, animais, vegetação - e um registo inovadoramente “plateresco” - medalhões, grotescos).

Podemos perceber uma clara influência do Renascimento nas estátuas do Portal Sul, pois elas não seguiam mais os padrões escultóricos medievais românicos, mas detêm mais movimentos e são proporcionalmente equilibradas. A beleza e o equilíbrio na composição destas imagens também é algo que as faz mais próximas dos padrões renascentistas. Lembremos que tal pórtico já é do início do século XVI e dele tem influências.

Ressaltamos que o estilo manuelino foi um estilo tipicamente português, caracterizando a arquitetura gótica do fim da Idade Média e suas esculturas. Assim, pensando os pórticos medievais como média comunicacional, não podemos esquecer suas criações como tecnologias da época, pois eles foram frutos de uma necessidade informacional de então e nasceram das habilidades técnicas, dos métodos e processos medievais para sua produção. Obviamente que a Igreja Católica tinha uma clara intenção de utilizar tais portais como elementos arquitetônicos que não somente deixassem ver a beleza da época, mas que ensinasse seus dogmas e crenças de maneira eficaz.

Percebemos que os pórticos medievais já criavam, desde o lado de fora, os anseios para a atmosfera de respeito e moralidade exigidos dentro das igrejas. Eles eram os portais que deveriam “transformar” a vida do homem medieval, pois, se por eles passassem, podiam tornarem-se pessoas “melhores”, pois filiado à Igreja.

Vale ressaltar que as mensagens codificadas nas pedras, que serviam para a construção dos pórticos, acabavam por perdurar por muito tempo, já que foram executadas propositalmente em um material com grande durabilidade, sendo importantes para a formação de uma cultura católica, social e histórica. José Armando Vizela Cardoso informa-nos, também, sobre o estilo manuelino no Convento de Cristo:

É deveras impressionante a beleza do detalhe das esculturas talhadas em pedra, em especial as mísulas (...) onde se juntam os arcos que suportam a estrutura do tecto. Nas pedras-chave, que fazem o travamento superior dos arcos que suportam o tecto, podemos ver os principais símbolos do manuelino: a cruz de Cristo e a esfera armilar. As cordas, circundando esta estrutura, completam a terceira condição que é essencial para caracterizar o estilo manuelino. As cordas, a esfera armilar e a cruz de Cristo, dispostas no tecto e nas paredes, de modo harmonioso para com outros motivos decorativos, como as mísulas e as fileiras de rosas, proporcionam ao conjunto uma invulgar beleza, que leva a que nos questionemos sobre como é possível que a complexidade do desenho, dos cálculos e da concepção desta magnífica obra se possa apresentar aos nossos olhos dum modo tão suave e tão simples! (Cardoso, 2022, p. 154-155)



Imagem 3 – Detalhe da parte exterior do Convento de Cristo, revelando as ornamentações manuelinas.

Fonte: Wallace Rodrigues, 2025.

Compreendemos, ainda, que o efeito esperado de tais mensagens encravadas nos pórticos era de valor cristão, moralizante, edificante, conjuntivo, catequizante, ritualístico e simbólico. Não esqueçamos que há toda um sistema simbólico (iconografia e iconologia), como já bem explicitado neste trabalho, que impregna(va) a arte e a cultura católicas medieval e que pode ser percebidas no Portal Sul do Convento de Cristo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese fundamental de nossa pesquisa para este trabalho foi que os pórticos de igrejas medievais portuguesas (aqui focamos no Portal Sul do Convento de Cristo, em Tomar, em estilo manuelino) são meios de comunicação que ligam-o-tempo, pensando a partir da compreensão de Harold Innis (2011), que permitiram e permitem, na atualidade, conhecer e compreender a cultura material (objetos) e imaterial (os modos de vidas, as tradições e as crenças) das populações portuguesas daquele período do fim da Idade Média (durante o período do estilo manuelino).

Tais pórticos não somente comunicavam mensagens e informavam como viver a partir dos exemplos do Cristo e dos santos, mas também auxiliavam a unificar culturalmente a sociedade da época. Ainda, compreendemos as igrejas medievais como os lugares privilegiados de evangelização, ou seja, de ensinar por meio da fé a uma comunidade de pessoas, geralmente, iletradas da época (na grande parte do público destas igrejas).

Pensemos, também, nas palavras de Innis (2011, p. 103) sobre a pedra, um suporte comunicacional para os pórticos medievais dos quais tratamos, como um meio “mais apropriado para a disseminação do conhecimento através do tempo em determinado espaço, particularmente se o meio for pesado, durável e não apropriado para o transporte”.

Vale, também, compreender que a Idade Média foi um período de imensa valorização da riqueza sensorial, utilizada grandemente pela Igreja Católica e pelos monarcas, por meio das artes (como aconteceu durante o manuelino), para comunicar suas mensagens. Daí que os pórticos medievais portugueses, aqui com foco no Portal Sul do Convento de Cristo (de Tomar), em estilo manuelino, acabam por ser um exemplo claro de como a cultura da época, os saberes catequéticos da Igreja e os valores do Estado estavam sendo empregados como meios de comunicação.

Podemos compreender que os pórticos das igrejas medievais, como mídias comunicacionais pelo viés temporal, buscavam informar mensagens para o “melhoramento espiritual e moral” das pessoas da época, pelo menos, no que dizia respeito aos regramentos e ensinamentos catequéticos da Igreja Católica. No entanto, isso se dava por meio de uma simbologia escultórica e arquitetônica específica e que trazia sentidos próprios que a Igreja deseja levar a seus fiéis (por meio de uma agência de sensibilização na realidade das pessoas).

Essa capacidade transmissiva e ritual dos pórticos pode ser relevante para os estudos sobre comunicação, pois enriquece os trabalhos sobre os meios de comunicação na época medieval.

Pensamos “ritual” no sentido de que o pórtico medieval traz uma realidade religiosa e de crenças que pode ser partilhada socialmente, revelando um rito social de pertencimento a um grupo religioso, social, comunitário etc. Subtil (2014, p. 28, grifo nosso), ainda pensando sobre a obra de Carey, informa que:

De acordo com Carey, a outra visão da Comunicação na cultura dos EUA é a ritual, a mais antiga das visões, embora uma narrativa menor na academia norte-americana. Nessa concepção, a Comunicação está associada a palavras como “partilha”, “participação”, “associação”, “companhia” e “posse de uma fé comum”. É na evocação de noções como “comunhão”, “comunidade” e “Comunicação” que, segundo Carey, a abordagem ritual assenta. Em contraponto à visão transmissiva, está orientada para a manutenção da sociedade no tempo e não para a disseminação das mensagens no espaço, para a representação de crenças partilhadas e não para o acto de transmitir informação. Enquanto o modelo transmissivo consiste na disseminação das mensagens à distância, **a visão ritual centra-se nos efeitos de realidade da Comunicação no quotidiano e no cerimonial que atrai as pessoas para a partilha e a convivialidade.**

Seguindo a visão de Carey, podemos compreender que a comunicação de mensagens via os pórticos medievais revelam “uma visão ritual da comunicação não está direccionada para a extensão das mensagens no espaço, mas para a manutenção da sociedade no tempo; não para o acto de partilhar informação ou influência, mas para a criação, representação e celebração de crenças partilhadas” (Carey, 1977, *apud* Subtil, 2014, p. 30).

As representações simbólicas utilizadas nos intrincados arranjos esculpidos em pedra nos pórticos manuelinos portugueses relevam um meio comunicacional rico em mensagens e culturalmente marcante para os fins da Idade Média em Portugal, servindo (agindo) como “modelos de comunicação”. Carey diz-nos que:

Modelos de comunicação, portanto, não são apenas representações da comunicação, mas representações para a comunicação: padrões que orientam, com sucesso ou não, **processos concretos de interação humana**, de massa e interpessoal. Sendo assim, o estudo da comunicação envolve examinar a construção, a apreensão e o uso dos próprios modelos de comunicação - sua construção no senso comum, na arte e na ciência, sua criação e seus usos historicamente específicos. (Carey, 2022, p. 37, grifo nosso)

Os pórticos medievais, compreendemos, desejavam, por meio da fruição artística e da informação simbólica, não somente comunicar mensagens, mas também fazer com que os fiéis se sentissem parte de uma crença, de uma religião, de uma comunidade, e permanecem entregando mensagens pelo tempo, sendo meios efetivos de comunicação, por serem feitos de pedra, duráveis e não transportáveis (cf. Innis, 2011). E, em uma época de poucos meios de comunicação e informação, tais pórticos deixam ver o potencial de “acolhimento” e pertencimento em relação a um determinado grupo religioso e à cultura portuguesa de fins da Idade Média.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, José Armando Vizela. **Templários em Tomar**. A iniciação dos templários e dos cavaleiros da Ordem Militar e Religiosa de Cristo em Portugal. Lisboa: Edições Vieira da Silva, 4.ª. ed., 2022.

CAREY, James W. **Comunicação como cultura**. Rio de Janeiro: Editora PUB-RIO, 2022.

ECO, Umberto. **Art and beauty in the Middle Ages**. New Haven and Londres: Yale University Press, 1986.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História essencial da Filosofia**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

INNIS, Harold A. **O viés da comunicação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

MARTINO, Luiz C. Prefácio à edição Brasileira. In: INNIS, Harold A. **O viés da comunicação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011, p. 11-25.

MCNAMARA, Denis R. **Kerben architectuurgids**. Kerkdriel: Librero, 2011.

PEREIRA, Paulo. **Convento de Cristo, Tomar. Guia Oficial**. Londres: IGESPAR/Ministério da Cultura de Portugal/Scala Publishers, 2009.

PIGNATARI, Décio. **Informação Linguagem Comunicação**. 19a ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

REFFÓIOS, Margarida. **Saber e sabores medievais: aspectos da cultura alimentar europeia**. Lisboa: Caleidoscópio, 2010.

SOUZA, Alcídio Mafra de. **Artes plásticas na escola**. 3a ed. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1970.

SUBTIL, Filipa. A abordagem cultural da Comunicação de James W. Carey. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.37, n.1, p. 19-44, jan./jun. 2014.

SUBTIL, Filipa. A diversidade disciplinar enriquece os estudos de comunicação. **Editorial da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**. Newsletter de março de 2017, s.p.

SUBTIL, Filipa. Uma teoria da globalização *avant la lettre*. Tecnologias da comunicação, espaço e tempo em Harold Innis. In: **Dilemas da Civilização Tecnológica**. MARTINS, Hermínio; GARCIA, José Luís (coord.). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003, p. 287-311.